

O CORO DE SÁTIROS NO DRAMA SATÍRICO *CICLOPE* DE EURÍPIDES: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE COLETIVA

VANESSA RIBEIRO BRANDÃO

Universidade Federal de Minas Gerais

(Brasil)

Resumen

O coro de sátiros no *Ciclope* de Eurípides é marcado pela dança, música e diálogos que apontam para possíveis comportamentos lascivos. Tudo isso são feitos coletivos, o que enfatiza o senso de comunidade dessas criaturas. Assim, nos cantos corais, eles se tratam como coletividade, usando pronomes de primeira pessoa do plural para falarem de si. Entretanto, nos diálogos com os outros personagens da peça, o coro se refere a si mesmo no singular, como uma só pessoa, fazendo o uso dos pronomes na primeira pessoa do singular. Dessa forma, o objetivo do trabalho é entender melhor o uso dos pronomes de primeira pessoa no plural e no singular pelo coro de sátiros ao longo da peça e como eles contribuem para a formação de sua identidade coletiva.

El coro de sátiros en el *Ciclope* de Eurípides está marcado por la danza, la música y los diálogos que apuntan a posibles comportamientos lascivos. Todo esto se hace colectivo, lo que enfatiza el sentido de comunidad. Así, en las canciones corales, los sátiros se tratan como colectividad, usando pronombres de primera persona del plural para hablar de sí. Sin embargo, en los diálogos con los demás personajes, el coro se refiere a sí mismo en el singular, como una sola persona, haciendo el uso de los pronombres en la primera persona del singular. De esta forma, el objetivo del trabajo es entender mejor el uso de los pronombres de primera persona en el plural y en el singular por el coro de sátiros a lo largo del *Ciclope* y cómo ellos contribuyen a la formación de su identidad colectiva.

Os dramas satíricos do século V a. C. foram escritos por tragediógrafos, dentre os mais famosos Ésquilo, Sófocles e Eurípides, e eram apresentados após a trilogia de

tragédias nas Grandes Dionísias, os festivais que aconteciam no início da primavera. Essa proximidade com a tragédia talvez explique as muitas semelhanças entre a estrutura e os versos da tragédia e do drama satírico, como as linhas destinadas ao coro, que são divididas em partes cantadas (que geralmente são coletivas) e faladas (individuais). A principal diferença é que o coro do drama satírico é formado por sátiros.

Os sátiros são figuras importantes no culto a Dioniso e o drama satírico foi acrescentado ao festival justamente por esse motivo. De acordo com Zenóbio, um sofista grego e escritor de provérbios do ano 117, a introdução do drama satírico nas Grandes Dionísias estava associada à obscura controvérsia “nada a ver com Dioniso”. Ele explica que os coros, a princípio, eram acostumados a cantar o ditirambo a Dioniso, mas os poetas, posteriormente, passaram a escrever *Ájax* e *Centauros*, e os espectadores reclamavam, dizendo “nada a ver com Dioniso”. Por isso, os sátiros foram introduzidos, para que não parecessem ter se esquecido do deus (Seidensticker, 2005, p. 48; Seaford, 1984, p. 11-2; Sutton, 1980, p. 6).¹ Anthony Stevens,² em seu artigo sobre a construção dramática e encenação do drama satírico, explica que os sátiros têm muita importância no aspecto religioso do gênero:

Para mim, a concepção do drama satírico como celebratório era forte desde o começo do processo [de tradução e montagem do drama satírico], e um dos meus objetivos foi explorar as relações entre os aspectos cômicos e celebratórios do gênero. (...) Suas presenças enérgicas e poderosas continuamente elevaram os sátiros acima da condição de criaturas ridículas, apesar dos elementos de natureza ‘inferior’ que eles demonstravam (Stevens, 2012, p. 65, trad. nossa).³

Essas criaturas compõem o coro do drama satírico e do *Ciclope* de Eurípides. O enredo da peça tem um tema épico: a chegada de Odisseu à ilha dos ciclopes, também narrada no Canto IX da *Odisseia*, de Homero, com o acréscimo do coro de sátiros e de Sileno. Para entendermos a formação da identidade coletiva do coro, analisaremos o uso

¹ Praticamente todos os estudiosos de drama satírico citam esse fato em seus trabalhos, devido à sua importância para o entendimento do gênero.

² Pesquisador e professor que se concentra em pensar uma performance hoje para textos fragmentados de teatro grego do século V a. C. Em um de seus workshops, junto com seus alunos, traduziu os fragmentos de uma peça de Ésquilo e completou-a a partir de um estudo sobre o drama satírico e sobre o mito que conduz seu enredo, e intitulou o produto final de *Nos jogos ístmicos*. A construção dramática e tradutória foi encenada em inglês em 11 de maio de 2011, em Atenas, por estudantes do Centro Internacional para Estudos Helênicos e Mediterrâneos (DIKEMES).

³ “For me, the conception of the satyr play as celebratory was strong from the start of the process, and one of my goals was to explore the relations between the celebratory and the comic aspects of the genre. (...) Their energetic and powerful presence continuously raised the satyrs above creatures to be laughed at, whatever the elements of their ‘lower’ nature that showed through”.

do pronome de 1ª pessoa no singular e no plural em alguns versos corais e nas falas de outros personagens da peça que se referem aos sátiros de maneira singular ou coletiva.

Antes da entrada do coro, é importante citar o prólogo, falado por Sileno, que contextualiza a peça. O velho pai dos sátiros conta como eles chegaram à ilha dos ciclopes e foram escravizados por Polifemo. Sileno é responsável pelos afazeres da casa, como varrer e servir comida, enquanto os sátiros pastam as ovelhas. Então ele narra a entrada do coro:

ἤδη δὲ παῖδας προσνέμοντας εἰσορῶ
ποιίμνας. τί ταῦτα; μῶν κρότος σικινίδων

E já vejo os filhos pastando ovelhas.
Que é isso? Não é a batida da siquínis? (Eurípides, *Ciclope*, v. 36-7, trad. nossa)

Sileno refere-se aos sátiros como filhos, reforçando a relação familiar já conhecida entre eles. Além disso, Sileno usa o plural, evidenciando que se trata de vários sátiros componentes do coro. Junto dessa descrição, entram em cena os sátiros dançando ao som da siquínis. A dança e a música que embalam a entrada do coro são muito importantes no drama satírico porque expressam essa personalidade festiva dos seguidores de Baco. O pesquisador e professor Stevens explica:

No drama satírico, o coro quebra o recipiente de ‘drama’ – e assim liberta a dança. É a tendência natural dos sátiros de dançar, junto com sua aptidão natural para ela, que se torna o recipiente maior (sem o qual, os sátiros seriam ameaçadores, truculentos, grosseiros). Dançar é celebrar o dom da dança (Stevens, 2012, p. 78, trad. nossa).⁴

Portanto, entende-se que a presença dos sátiros implica dança e a entradas destes em cena não seria diferente. Então, ainda dançando, eles cantam a letra da canção do coro, que é dividido em quatro partes. As três primeiras partes são uma série de admoestações às ovelhas e aos carneiros; na última os sátiros relembram seus bons tempos com Dioniso reclamando da situação presente que não lhes é favorável. Neste trabalho optou-se por citar apenas a última parte do canto coral de entrada (v. 63-81), pois ele engloba o foco de análise:

⁴ “in the satyr play, the chorus breaks the container of ‘drama’ – and thus liberates the dance. It is the satyrs’ natural tendency to dance, along with their natural aptitude for it, that becomes the larger container (without which, satyrs would be menacing, truculent, uncouth). To dance is to celebrate the gift of dance.”

ἐπωδός
οὐ τάδε Βρόμιος, οὐ τάδε χοροὶ
Βάκχαι τε θυρσοφόροι,
οὐ τυμπάνων ἀλαλαγμοὶ
οὐκ οἴνου χλωραὶ σταγόνες
κρήναις παρ' ὕδροχύτοις·
οὐδ' ἐν Νύσα μετὰ Νυμ-
φᾶν ἱακχον ἱακχον ᾠ-
δὴν μέλπω πρὸς τὴν Ἀφροδί-
ταν, ἂν θηρεύων πετόμαν
βάκχαις σὺν λευκόποσιν.
†ὦ φίλος ᾧ φίλε Βακχεῖε
ποῖ οἰοπολεῖς
ξανθὴν χαίταν σεῖεις;†

ἐγὼ δ' ὁ σὸς πρόπολος
Κύκλωπι θητεύω
τῷ μονοδέρκτᾳ δοῦλος ἀλαίνων
σὺν τᾷδε τράγου χλαίνα μελέα
σᾶς χωρὶς φιλίας.

Final

Aqui não tem Brômio, aqui não tem danças
nem porta-tirsos nem bacantes,
não tem som alto de tambores
nem gotas frescas de vinho,
perto das fontes de água.
Nem estou em Nisa, entre ninfas
com canções pra Iaco, Iaco
canto e danço pra Afrodite:
pra ela eu voava, caçador
com as bacantes descalças.
†O amado – ô amado Baco,
por onde anda só
e sacode a juba loira?†

E eu, o seu seguidor,
sirvo o ciclope
perambulo, eu, escravo do caolho,
aqui, com uma roupa inútil de bode
longe do seu amor (Eurípidēs, *Cíclope*, v. 63-81, trad. nossa).

Nessa canção coral, em nenhum momento os sátiros se referem a si mesmos no plural: eles cantam e dançam juntos, mas usam o pronome e os verbos no singular. Não há uma explicação óbvia para que isso aconteça, mas acreditamos que isso ocorre

porque cada um narra sua experiência individual de seguidor de Baco, mesmo que essa experiência seja cantada e dançada de maneira coletiva. Interrompendo o canto coral, Sileno mais uma vez se refere aos sátiros no plural e pede que se calem porque chegavam os marinheiros e Odisseu:

Σιληνός

σιγήσατ', ὦ τέκν', ἄντρα δ' ἔς πετρορηφεῖ
ποίμνας ἀθροῖσαι προσπόλους κελεύσατε.

Χορός

χωρεῖτ'· ἀτὰρ δὴ τίνα, πάτερ, σπουδὴν ἔχεις;

Sileno

Calados, ô filhos! Pras grutas de pedra!

Mandem os servos ajuntar o rebanho.

Coro

Vão! Mas, pai, pra que tanta pressa? (Eurípides, *Ciclope*, v. 82-4, trad. nossa)

A resposta do coro é uma fala, e não um canto. Por isso, é mais provável que ela seja dita apenas pelo corifeu e não pelo conjunto de sátiros, principalmente porque ela se inicia com um imperativo no plural “vão!”, direcionado ao restante do coro.

Depois disso Odisseu chega com seus companheiros, dialoga com Sileno sobre como ambos chegaram ali e compra comida pagando com vinho. Feita a transação, os sátiros se aproximam de Odisseu e começam a conversar com ele:

Χορός

ἄκου', Ὀδυσσεῦ· διαλαλήσωμέν τί σοι.

Ὀδυσσεύς

καὶ μὴν φίλοι γε προσφέρεσθε πρὸς φίλον.

Χορός

ἐλάβετε Τροίαν τὴν Ἑλένην τε χειρίαν;

Ὀδυσσεύς

καὶ πάντα γ' οἶκον Πριαμιδῶν ἐπέρσαμεν.

Χορός

οὐκουν, ἐπειδὴ τὴν νεᾶνιν εἴλετε,

ἅπαντες αὐτὴν διεκροτήσατ' ἐν μέρει,

ἐπεὶ γε πολλοῖς ἤδεται γαμουμένη,

τὴν προδότιν, ἢ τοὺς θυλάκους τοὺς ποικίλους

περὶ τοῖν σκελοῖν ἰδοῦσα καὶ τὸν χρῦσειον

κλωιδὸν φοροῦντα περὶ μέσον τὸν ἀχένα

ἔξεπτοήθη, Μενέλεων ἀνθρώπιον

λῶιστον λιποῦσα; μηδαμοῦ γένος ποτὲ

φῦναι γυναικῶν ὄφελ', εἰ μὴ 'μοὶ μόνῳ.

Coro

Escuta, Odisseu: vamos conversar uma coisa com você.

Odisseu

Pois bem, amigos! Mandem aqui pro amigo.

Coro

Vocês tiveram Troia e a Helena nas mãos?

Odisseu

E também destruímos toda a casa da estirpe de Príamo.

Coro

Quando agarraram a moça,

todos vocês furaram ela, né? Um de cada vez,

já que ela gosta de ser casada com muitos...

A traidora viu as calças largas coloridas

em volta das pernas e a coleira dourada,

sempre em volta do meio do pescoço,

ficou admirada, e abandonou Menelau,

um ser humaninho bom demais. Há tempos em lugar nenhum,

a raça das mulheres devia nascer, se não só pra mim (Eurípides, *Ciclope*, v. 175-87, trad. nossa)

A princípio o coro e Odisseu usam verbos no plural para se referirem aos sátiros, mas a conversa é finalizada usando-se o singular. Por se tratar de um diálogo e não um canto, assim, como na citação anterior, os versos devem ter sido proferidos por apenas um sátiro, possivelmente o corifeu.

Passamos ao discurso de Odisseu quase no fim da peça. Alguns de seus companheiros já haviam sido devorados por Polifemo dentro da caverna, então o herói agora tentava convencer os sátiros a participarem de um plano para fugir do ciclope:

σιγῇ σὲ σῶσαι κάμ', ἐὰν βούλη, θέλω.
ἀλλ' εἴπατ' εἶτε χρήζετ' εἶτ' οὐ χρήζετε
φεύγειν ἄμεικτον ἄνδρα καὶ τὰ Βακχίου
ναίειν μέλαθρα Ναϊδῶν νυμφῶν μέτα.
ὁ μὲν γὰρ ἔνδον σὸς πατήρ τάδ' ἤνεσεν·
ἀλλ' ἀσθενὴς γὰρ κάποκερδαίνων ποτοῦ
ὥσπερ πρὸς ἰξῶ τῇ κύλικι λελημμένος
πτέρυγας ἀλύει· σὺ δέ – νεανίας γὰρ εἶ –
σώθητι μετ' ἐμοῦ καὶ τὸν ἀρχαῖον φίλον
Διώνυσον ἀνάλαβ', οὐ Κύκλωπι προσφερῆ.

Se preferir, quero salvar você e os nossos.

Mas digam se vocês carecem ou se não carecem
de fugir do homem selvagem

e habitar a casa de Baco com as ninfas Náíades.
Porque o seu pai aqui dentro até concorda
mas de tão bêbado já está fraco,
como se tivesse abanando as asas preso no grude
só que na taça! Mas você – já que é um rapaz –
se salva comigo e recebe o seu velho amigo,
o Dioniso, que não parece com o ciclope (Eurípides, *Ciclope*, v. 427-36, trad.
nossa.)

O marinheiro se dirige aos sátiros no singular, o que “possivelmente sugere que Odisseu se dirige aos sátiros individualmente” (O’Sullivan & Collard, 2013, p. 209). Trata-se de uma estratégia de convencimento: como líder de guerra, ele deve estar sempre preparado para encorajar seus companheiros a se arrisquem, e possivelmente tratá-los individualmente pode deixá-los mais motivados. No entanto, ele pode estar conversando diretamente com o corifeu, ou pode estar dirigindo-se a eles como se fossem um só, devido ao seu caráter coletivo. Depois de narrar todo o plano, os sátiros se animam. E começa um diálogo com Odisseu:

Χορός

ἰοὺ ἰοῦ·

γέγηθα μαινόμεσθα τοῖς εὐρήμασιν.

Ὀδυσσεύς

κάπειτα καὶ σὲ καὶ φίλους γέροντά τε
νεῶς μελαίνης κοῖλον ἐμβήσας σκάφος
διπλαῖσι κώπαις τῆσδ’ ἀποστελῶ χθονός.

Χορός

ἔστ’ οὖν ὅπως ἂν ὥσπερ εἰ σπονδῆς θεοῦ
καὶ γὰρ λαβοίμην τοῦ τυφλοῦντος ὄμματα
δαλοῦ; φόνου γὰρ τοῦδε κοινωνεῖν θέλω.

Ὀδυσσεύς

δεῖ γοῦν· μέγας γὰρ δαλός, οὗ ξυλληπτέον.

Χορός

ὡς κὰν ἀμαξῶν ἑκατὸν ἀραιμην βάρους,
εἰ τοῦ Κύκλωπος τοῦ κακῶς ὀλουμένου
ὀφθαλμὸν ὥσπερ σφηκιὰν ἐκθύψομεν.

Ὀδυσσεύς

σιγᾶτέ νυν· δόλον γὰρ ἐξεπίστασαι
χῶταν κελεύω, τοῖσιν ἀρχιτέκτοσιν

Coro

Uhu! Uhu!

Me alegrei, pirei com as artimanhas!

Odisseu

E depois de embarcar você, os amigos e o velho
no casco vazio do navio preto
vou despachar vocês desta terra com os duplos remos.

Coro

Então pode ser que eu pegue o tição que cega os olhos
igual numa libação do deus?
Porque quero participar desta matança!

Odisseu

É preciso sim! Porque o tição é grande, pra ser carregado junto.

Coro

E eu posso até levantar o peso de cem carros
se o ciclope sucumbir de modo horrível.
Vamos queimar o olho devagar, como um vespeiro!

Odisseu

Calem-se agora! Já que você conhece bem o plano,
quando eu mandar, obedece às instruções (Eurípides, *Ciclope*, v. 464-77, trad.
nossa).

Mais uma vez, os versos do coro usam a 1ª pessoa do singular. Na primeira fala, Odisseu usa o singular, talvez falando apenas ao corifeu, mas depois se refere a todos ao falar sobre a fuga. No final, continua a tratá-los no plural ao mandar que todos se calem, ou seja, por um lado, ele trata de assuntos importantes a quem seria responsável por todos, por outro, manda todos se calarem, demonstrando que também tem autoridade sobre o grupo. Depois de mandar todos se calarem, ele volta a usar o singular, falando com o corifeu, pedindo que ele obedeça às instruções. Nesta cena e em outra que trataremos adiante, parece haver um revezamento entre os sátiros que falam, em vez de se tratar apenas do corifeu. As falas podem ser individuais ou coletivas, mas provavelmente há uma separação, de forma que cada hora um sátiro ou um grupo de sátiros diz o verso. Depois de pedir que o coro se cale e preste atenção, Odisseu aproveita para colocar o plano de fuga em ação. Ele chama os sátiros:

Ὀδυσσεύς

ἄγε δῆ, Διονύσου παῖδες, εὐγενῆ τέκνα,
ἔνδον μὲν ἀνήρ· τῷ δ' ὕπνω παρειμένος
τάχ' ἐξ ἀναιδοῦς φάρυγος ὠθήσει κρέα.
δαλὸς δ' ἔσωθεν αὐλίων τῶθειτ' καπνὸν
παρευτρέπισται, κούδεν ἄλλο πλὴν πυροῦν
Κύκλωπος ὄψιν· ἀλλ' ὅπως ἀνήρ ἔση. (595)

Χορός

πέτρας τὸ λῆμα κἀδάμαντος ἔξομεν.

Odisseu

Vamos logo, filhos de Dioniso, nobres crianças,
o homem está lá dentro! E abandonado ao sono,
logo ele vai jogar as carnes pra fora da garganta.
Um tição joga a fumaça de dentro dos estábulos.
Está organizado, não falta nada a não ser pôr fogo
na vista do ciclope! E você vai agir como homem.

Coro

Vamos ter a coragem de aço e de pedra (Eurípides, *Ciclope*, v. 590-6, trad. nossa).

Odisseu o chama de “homem” (άνήρ, v. 591, 595) não só o ciclope, mas também o sátiro. Outro detalhe importante é que ele começa o discurso referindo-se aos sátiros no plural, mas termina no singular, possivelmente porque ele deve estar falando diretamente ao corifeu. O coro responde positivamente no plural, mas, no momento de furar o olho do ciclope, eles se mostram covardes:

Χορός

οὐκουν σὺ τάξεις οὐστυνας πρώτους χρεῶν
καυτὸν μοχλὸν λαβόντας ἐκκαίειν τὸ φῶς
Κύκλωπος, ὡς ἂν τῆς τύχης κοινώμεθα;

Ἡμιχόριον

ἡμεῖς μὲν ἐσμεν μακροτέρω πρὸ τῶν θυρῶν
ἐστῶτες ὠθεῖν ἐς τὸν ὀφθαλμὸν τὸ πῦρ.

Ἡμιχόριον

ἡμεῖς δὲ χωλοὶ γ’ ἀρτίως γεγενήμεθα.

Ἡμιχόριον

ταὐτὸν πεπόνθατ’ ἄρ’ ἐμοί· τοὺς γὰρ πόδας
ἐστῶτες ἐσπάσθημεν οὐκ οἶδ’ ἐξ ὅτου.

Ὀδυσσεύς

ἐστῶτες ἐσπάσθητε; (640)

Ἡμιχόριον

καὶ τὰ γ’ ὄμματα
μέστ’ ἐστὶν ἡμῖν κόνεος ἢ τέφρας ποθέν.

Ὀδυσσεύς

ἄνδρες πονηροὶ κοῦδὲν οἶδε σύμμαχοι.

Coro

Então você pode ordenar quem seriam os primeiros a segurar a estaca ardente e a queimar a luz do ciclope?
Pra gente poder participar do acaso...

Semicoro

Nós estamos mais longe das portas

pra empurrar o fogo no olho.

Semicoro

E nós ficamos mancos bem agorinha.

Semicoro

E sofremos o mesmo pra mim! Porque não sei como machucamos os pés ficando em pé.

Odisseu

Machucou ficando em pé?

Semicoro

E os nossos olhos
está cheio de poeira ou cinzas, de algum lugar.

Odisseu

Homens covardes! E nada aliados estes aí! (Eurípides, *Ciclope*, v. 632-43, trad. nossa)

Mais uma vez, o coro se divide para responder Odisseu. Entretanto, especificamente nesses versos, há na edição a marcação dessa divisão. A cada grupo acontece um incidente, e a evidência de se tratar de um grupo e não só um sátiro com cada problema se dá pelo uso do plural a cada semicoro. Mas parece que só um sátiro fala pelo grupo, já que a resposta de Odisseu no verso 640 é no singular, subtendendo-se que ele fala apenas ao sátiro que proferiu a fala.

Conclusões

Não há uma regra específica para o uso do plural e do singular pelo coro para se referir a si mesmo. Acreditamos que o uso do plural é explícito: eles falam de si no plural porque são muitos e fazem praticamente tudo juntos, assim como têm os mesmos anseios e as mesmas necessidades. Já para a escolha do singular, não conseguimos formular uma hipótese. Parece que cada um aborda a sua experiência particular, mas ela sempre se estende ao restante do coro, de maneira que caberia ao verso também um plural. Todos usam o singular ao mesmo tempo, de forma a se tornar um “singular coletivo”, que teria o mesmo efeito que o uso do plural. Por isso, só pudemos concluir que essa aparente aleatoriedade do uso do plural e do singular pelo coro para se referir a si mesmo evidencia seu caráter coletivo.

Abordamos agora o uso do plural e do singular por Odisseu e Sileno. Eles claramente usam o plural para se referirem ao conjunto de sátiros, mas para o singular há duas hipóteses: eles podem estar se dirigindo ao corifeu, ou, como O’Sullivan & Collard apontam nos v. 427-36 e estendemos para os v. 590-5, Odisseu pode estar se dirigindo a cada um separadamente para motivá-los, como o líder que ele é.

Tratemos inicialmente da primeira hipótese. Apesar da importância do corifeu na tragédia grega, a sua presença não parece fazer muito sentido no drama satírico. Os sátiros não se diferenciam uns dos outros, de maneira que não seja possível identificar um corifeu por uma ação ou fala específica. Além disso, a natureza dos sátiros não comporta uma liderança. Na peça *Ciclope* de Eurípides, que analisamos neste trabalho, os sátiros recebem ordem de Sileno ou Odisseu. Logo, interpretamos que as falas individuais podem ser direcionadas a qualquer sátiro aleatoriamente. Essa constatação aplicamos também à segunda hipótese: Odisseu pode estar se dirigindo a cada um, ou apenas a um deles. Então, devido ao seu senso de comunidade, os sátiros simplesmente obedecem às ordens dadas, sejam elas direcionadas a ele mesmo, ao conjunto ou a um dos seus. Essa aleatoriedade e variação dos usos do plural e do singular evidenciam a identidade coletiva do grupo de sátiros, transformando-o no coro importante e peculiar que ele é.

Bibliografia

- Brandão, V. R. (2017). *Uma tradução dramática do 'Ciclope' de Eurípides*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-B2SHJF>
- O'Sullivan, P.; Collard, C. (2013) *Euripides Cyclops and Major Fragments of Greek satyric drama*. Oxford: Oxbow Books [Aris & Phillips Classical Texts].
- Seaford, R. A. (1984) *Euripides 'Cyclops'*. Oxford: Clarendon Press.
- Stevens, A. (2012) First catch your satyrs - A Practical Approach to The Satyr Play(-Like?), *Didaskalia*, 9(13), 64-83.
- Sutton, D. F. (1980) *The Greek Satyr Play*. Meisenheim am Glan: Hain.